

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO E SUAS IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA DOCENTE

Thais Gomes de Vasconcelos ¹

Tays de Sousa Santos ²

Taiane de Sousa Santos ³

RESUMO

Este artigo trata de uma reflexão e ao mesmo tempo de um relato de experiência do estágio supervisionado obrigatório realizado pelas autoras do artigo quando graduandas dos cursos de Pedagogia e Letras - Língua Portuguesa na Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Nestes momentos, pudemos vivenciar aprendizagens e desafios que consideramos pertinentes compartilhar com os futuros docentes, não apenas apontando os momentos bons, mas também os desafios inerentes à carreira docente. Neste caso, partimos da percepção freiriana que a realidade serve para nos desafiar a melhorar cada vez mais os processos formativos, e não para nos conformarmos. Deste modo, identificamos que os estágios oportunizam aos graduandos melhor conhecerem a profissão a qual pretendem exercer. No caso dos estágios relatados, esses foram realizados em escolas públicas localizadas no estado da Paraíba - PB, nas séries iniciais do Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Na metodologia, utilizamos a pesquisa bibliográfica e o relato de experiência, colocando em evidência algumas práticas pedagógicas desenvolvidas durante os estágios e os aprendizados adquiridos nesse percurso. Os autores que fundamentam este trabalho são, entre outros: Kramer (2007); Goulart (2007); Pimenta e Lima (2010). Atualmente, atuando como professoras da Educação Básica, constatamos que o estágio supervisionado obrigatório ampliou a percepção sobre o curso de graduação e nos impulsionou a refletir sobre a prática articulada à teoria educacional.

Palavras-chave: Estágio supervisionado obrigatório. Formação docente. Práticas pedagógicas.

INTRODUÇÃO

A profissão docente é um grande desafio para os que desejam atuar, seja devido às questões pedagógicas, de infraestrutura ou mesmo da situação de violência escolar que estão presentes nas instituições de ensino. Dessa forma, este artigo tem como objetivo compartilhar reflexões sobre os momentos vividos, enquanto graduandas dos cursos de Pedagogia e Letras - Língua Portuguesa, nos estágios supervisionados obrigatórios e discutir suas implicações para a carreira docente como futuros professores da educação básica.

O estágio supervisionado possibilita nos aproximarmos do ambiente em que futuramente exerceremos a profissão a qual optamos, contribuindo para vivenciarmos a

¹ Mestra em educação pela Universidade Federal da Paraíba- UFPB, vasconcelosthahis@gmail.com;

² Mestra em educação pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, tayssousa95@gmail.com;

³ Graduada em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, taianesousasr@gmail.com

dinâmica da sala de aula. No caso do estágio voltado para a área da educação, observamos as práticas pedagógicas que são desenvolvidas pelos educadores e percebemos a necessidade de atentarmos para a concepção que iremos abordar enquanto educadores.

Primeiramente, é necessário colocar nosso lugar de fala. Durante a graduação de cada uma de nós, autoras deste artigo, passamos por vários estágios, obrigatórios e não obrigatórios, e assim como todas as pessoas, não podemos negar aquela ansiedade ou mesmo medo de como será nossa atuação enquanto professoras. Assim, esse texto é um convite para conversar sobre as expectativas postas pelos estudantes durante o estágio e o que implica no futuro profissional.

A ideia de construir esse texto surge da consciência de que o estágio é uma etapa importante para a formação do professor, pois permite ao futuro docente colocar em prática os conhecimentos teóricos adquiridos na faculdade, vivenciar a realidade da sala de aula, conhecer diferentes metodologias de ensino, aprender a lidar com diferentes perfis de alunos e desenvolver habilidades relacionadas à gestão de turma.

Além disso, o estágio também proporciona uma oportunidade para o futuro professor avaliar se a carreira docente é realmente o que deseja seguir, já que a vivência em sala de aula pode confirmar ou mudar suas perspectivas. De acordo com Pimenta e Lima (2010, p. 56), “Assim, o estágio prepara para um trabalho docente coletivo, uma vez que o ensino não é um assunto individual do professor, pois a tarefa escolar é resultado das ações coletivas dos professores e das práticas institucionais, situadas em contextos sociais, históricos e culturais.”

Realizar o estágio supervisionado nos cursos de licenciaturas oportuniza aos graduandos refletirem coletivamente sobre o que foi vivenciado na sala de aula. As observações feitas na escola em que o estágio será desenvolvido situa o graduando sobre a concepção pedagógica da escola, a realidade.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência que apresenta três experiências de estágio supervisionado obrigatório. Os estágios relatados foram realizados em turmas da Educação Básica, mais especificamente as seguintes: 1º e 4º ano do Ensino Fundamental I e na modalidade da Educação de Jovens e Adultos do Ensino Fundamental Anos Finais; por graduandas do curso de Pedagogia e Letras - Língua Portuguesa da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. A partir disso, percebemos que existem realidades diferentes mesmo estando dentro de um mesmo estado.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, tendo em vista que “Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.” (SEVERINO, 2013, p. s./p.). Também é um relato de experiência, pois relatamos as práticas pedagógicas desenvolvidas nos estágios supervisionados, enfatizando o quanto tais vivências incidiram sobre a prática docente que exercemos atualmente enquanto professoras de instituições de ensino.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ensinar é um ato de coragem, já dizia o Paulo Freire. Durante as graduações, independente da faculdade que você frequenta, encontramos muitas disciplinas que são requisitos para formação docente. Elas são muito importantes, pois o professor deve ter um intelectual refinado não se conformando apenas com um livro didático ofertado pela educação básica. Mas para você que está começando a carreira vamos com calma, ninguém nasce professor, nos tornamos à medida que estudamos e nos qualificamos para atuar na área que nos identificamos.

Então, gostaríamos de iniciar esta conversa afirmando que não há uma receita para ser um professor de excelência, mas uma constante vontade de aprender e aperfeiçoar nossa prática quanto professores, pois ao longo dos anos você perceberá que assim como os alunos não são os mesmos embora você permaneça lecionando na mesma série da educação básica, você também não será, pois suas percepções mudaram conforme mantenha uma formação continuada.

A formação será, em parte, responsabilidade sua, ninguém poderá obrigar a estudar horas extras, ou a ler textos complementares indicados pelo professor, mas isso fará a diferença em que tipo de profissional você se tornará. Como diria Lemov (2011) “Quem olharia para um cinzel, um martelo e uma lixa e imaginaria essas ferramentas produzindo o Davi, de Michelangelo?”. Assim, a obra prima depende das habilidades que você buscou desenvolver. Claro que nem todos fariam uma grande obra como o Davi, afinal somos diferentes não reprodutores fiéis, mas “[...] se nem todo mundo que aprende a usar um cinzel vai criar um Davi, quem não aprender tampouco fará muito mais do que umas poucas marcas na pedra” (LEMOV, 2011, p. 17).

O estágio geralmente é um dos primeiros contatos que os estudantes da graduação têm com prática docente, neste momento várias expectativas são criadas, é um momento que os

estudantes têm contato direto com os alunos, elaboram e aplicam planos de aula, participam das reuniões pedagógicas e observam o professor para aprender junto com ele.

Essa experiência é fundamental para que os estudantes desenvolvam habilidades e competências necessárias para o exercício da docência, mas nem tudo é tão simples, pois muitos fatores dependem do lugar que o estudante realizará o estágio.

Aqui abro um parêntese para falar um pouco do lugar do estágio, claro que o lugar em si será identificado no diagnóstico inicial, que corresponde aquele momento que o estudante irá falar com o gestor e o professor para lhe aceitar como estagiário na instituição, pois mesmo que haja um encaminhamento da prefeitura ou faculdade, esse primeiro contato é importante, pois infelizmente existem professores que não gostam de estagiários e embora não digam diretamente apontam indiretas como “você poderia ver também com a turminha do professor “fulano”.

Este ponto, ainda que negativo, está posto não para assustar mas para preparar a você leitor, futuro docente, para as diversas recepções que podem ocorrer, pois não podemos cair no conto romântico de uma escola perfeita com todos os profissionais acessíveis e recursos disponíveis para realização de sua prática. Por isso, relataremos a seguir três experiências para ajudar a refletir acerca desse momento formativo que é o estágio.

Um dos estágios foi realizado no ano de 2017, em uma escola pública localizada no município de Santa Rita - PB, na turma do 1º ano do Ensino Fundamental. A minha escolha por essa turma foi motivada pela curiosidade em vivenciar, de perto, a dinâmica do processo de alfabetização desde o princípio, quando as crianças ainda estavam em processo de transição da Educação Infantil para essa nova fase. De acordo com Kramer (2007, p.19):

Educação Infantil e ensino fundamental são frequentemente separados. Porém, do ponto de vista da criança, não há fragmentação. Os adultos e as instituições é que muitas vezes opõem a educação infantil e ensino fundamental, deixando de fora o que seria capaz de articulá-los: a experiência com a cultura.

Desse modo, percebemos a necessidade de considerar a experiência com a cultura que a criança possui, sutilmente incorporando a criança à nova realidade do Ensino Fundamental, sem desconsiderar a dinâmica anteriormente vivenciada pela criança na Educação Infantil. Com base nisso, não devemos perceber a criança apenas como estudante, mas como um sujeito de direitos participante, ativo na história e na cultura.

É necessário ampliar nossa percepção de como nos posicionamos perante a criança: pensando que a mesma frequenta a escola apenas para aprender passivamente ou para

construir conhecimentos e interagir em grupo. Sobre isso Goulart (2007, p. 87) ressalta que “Às vezes, preocupadas em demasia com os conteúdos de ensino, não paramos para conhecer nossos alunos, para ouvir os conteúdos tão significativos de suas vidas. E a aprendizagem envolve sensibilidade e mudança!”

O estágio é um momento de redescoberta sobre aquilo que acreditamos ser adequado vivenciar na sala de aula, pois diante do que observamos iremos assumir determinado posicionamento ao concordar ou discordar das práticas desenvolvidas, evidentemente não nos cabe julgar, mas refletir sobre nossas próprias ações. Descobrimos assim qual a nossa atitude diante da sala de aula, repensamos como as crianças aprendem e percebemos que a educação é poder, pois pode contribuir decisivamente para mudar a realidade das pessoas.

Em uma das aulas, realizei a leitura do poema “O nome da gente” do Pedro Bandeira. As crianças escutaram atentamente e depois as questioneei se elas haviam gostado, em coro responderam que sim. Em seguida, questioneei sobre o nome que as coisas tem, então as crianças começaram a expressar que gostariam de possuir outro nome, então questioneei algumas sobre o porquê da preferência por outro nome, algumas afirmaram que achavam mais bonito e que achavam seus nomes feios. Eu enfatizei que adorava meu nome e não me via sendo chamada por outro nome.

Em seguida, questioneei as crianças sobre quem sabia brincar de “adivinhação”, elas responderam que sabiam, então expliquei que nessa brincadeira eu mostraria a primeira ou a última letra da palavra e elas teriam que identificar. Então dei a dica que o nome era de uma pessoa da sala. Comecei a brincadeira da adivinhação e perguntei se as crianças queriam que eu mostrasse a primeira ou a última letra.

A sala ficou dividida, então pedi que quem quisesse que eu mostrasse a primeira letra levantasse a mão. A maioria confirmou que gostaria de ver a primeira letra, assim começaram os palpites das crianças sobre qual era o nome. Conforme as letras apareciam eu as anotava no quadro. Foi uma atividade bastante dinâmica, as crianças ficaram empolgadas e diziam vários nomes com intuito de acertar. Na brincadeira da adivinhação, além dos nomes das crianças, levei nomes de desenhos animados e de animais.

Outra dinâmica para abordar o primeiro nome das crianças foi ensiná-las a fazer uma plaquinha de identificação para deixar em cima da carteira. Então comecei a questioná-las para que servem as placas, algumas responderam que era para “gente saber”, outras disseram que era para “gente não se perder”. Distribui papel ofício e demonstrei para as crianças que para fazer a plaquinha era necessário dobrá-la em três partes, elas dobraram, mas demonstraram insegurança e solicitaram minha ajuda. Orientei as crianças a escreverem seus

nomes e fazerem um autorretrato, então expliquei que o autorretrato é um desenho de si próprio.

Distribuí os lápis de pintar e os nomes das crianças. Elas ficaram concentradas na atividade e então eu passei de carteira em carteira para acompanhar como a atividade estava sendo feita. Conforme as crianças terminavam a plaquinha, elas questionavam se estava bonita, elogiei todas e as parabeneizei pelo empenho.

Por fim, realizamos a atividade que foi sugerida pela Professora da turma. Colei o cartaz no quadro e fiz a leitura com as crianças: “Escrevi teu belo nome na palma da minha mão, passou um pássaro e disse escreve no teu coração.” Em seguida, escrevi o nome de cada criança na palma de suas mãos, elas então pediram que eu desenhasse um coração, pois a quadrinha também falava sobre coração.

A professora me deu um cartaz em formato de coração com a quadrinha escrita em letra cursiva e duas mãos. Colei ambos no quadro e comecei a ler, fui chamando as crianças de uma em uma para escreverem seus nomes no cartaz em formato de mão. As crianças estavam ansiosas e pediam constantemente para serem chamadas, então informei que deveriam ter paciência pois todos iriam escrever seus nomes no cartaz.

Por meio desse estágio identifiquei os desafios que englobam a alfabetização, sendo um processo em que os estudantes adquirem habilidades relacionadas à escrita e à leitura. Além disso, na prática pedagógica do Ensino Fundamental, mais especificamente o 1º ano, há o cuidado para que o momento de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental não seja de ruptura, mas de continuidade de práticas que considerem a criança como protagonista do processo e, principalmente, como um ser que aprende brincando, isto é, sem esquecer da ludicidade como parte inerente do desenvolvimento.

A segunda experiência aqui relatada refere-se a um caso ocorrido no ano de 2019, numa turma do 4º ano do Ensino Fundamental. A escolha deste recorte, se deu para que possamos perceber que às vezes encontramos desafios de cunho estrutural e educacional desde o estágio ao que se refere à carreira docente. Para Perrenoud (2002, p. 18):

Os alunos que querem tornar-se professores conservam a ilusão de que se deve apenas dominar os saberes para transmiti-los a crianças ávidas por se instruir. A resistência, a ambivalência, a às estratégias de fuga e a astúcia dos alunos desconcertam os professores novatos, assim como o enfrentamento permanente com algumas classes ou a desorganização crônica de alguns estabelecimentos escolares.

Desse modo, este caso mostra que desafios existem, mas que podem ser superados. Lembro da surpresa que tive quando estudante de pedagogia nos primeiros momentos do estágio no 4º ano. Ao observar a aula percebi a pouca estrutura física e pedagógica. Física, porque as vidraças das janelas da sala estavam quebradas e ao chover mais forte a fila próxima à parede mudou de lugar, as mesas apresentavam marcas do tempo, ou seja, sem o forro branco; e pedagógico porque na sala não havia uma imagem além do alfabeto em cima do quadro branco.

Mas o desafio estava só começando, na outra semana, percebi que nem sala de aula fixa tinha, alternei durante o estágio, dias numa sala de aula, outros na quadra esportiva que tinha a mesma finalidade, ensinar aos alunos. Nesta situação, as aulas não poderiam ter datashow ou televisão, pois a escola não oferecia possibilidades para que pudesse aplicar as novas tecnologias tão faladas durante as aulas na universidade.

Porém, após o impacto inicial, repensei minha prática de estágio. No momento, cheia de ideias aprendidas durante as aulas teóricas, queria algo mais interessante que o lápis e o papel, embora houvesse algumas limitações tecnológicas e espaciais. É sobre esta semana de atuação que gostaria de comentar nessas breves linhas.

Com o objetivo de compreender as grandezas de comprimento: centímetro (cm) e metro (m) e trabalhar interpretação de textos, levei o livro “Gabriel tem 99 centímetros” de Huber (2013). No primeiro momento, após a leitura do livro, discutimos as questões como: Do que fala o livro? Quais vantagens Gabriel destaca por ser pequeno? Segundo ele, por que é bom ser grande? E vocês o que acham?

Em seguida, questionei quem é o mais alto da sala e o menor e comprovamos medindo com o metro. Continuamos a prática de medir com as tampas de garrafas e objetos da sala de aula com a régua de papel cartão que levei para os alunos. E por fim foi realizada uma brincadeira de salto e distância para que eles (as) tivessem contato com os cm e m.

No segundo dia, retomamos os conceitos de centímetros e metros e medimos alguns objetos com a régua que as crianças receberão, garrafa, pedaço de cano e borracha e espaços da quadra esportiva como a porta, degraus, e etc. Também realizamos atividade escrita envolvendo os comprimentos cm e m e interpretação com a história contada.

O envolvimento dos alunos (as) foi notório, porém não posso negar que é mais difícil realizar atividades com metodologias ativas num lugar onde se tem poucos recursos, porém na prática não é impossível. Mesmo sem sala de aula utilizamos dos recursos mais simples como medir os passos e os espaços tornando a aprendizagem mais significativa para as crianças.

Considero necessário esta fala, pois acontece de muitas vezes irmos a escola esperando encontrar a aplicação de todas as teorias estudadas e nem sempre será possível e assim começa às primeiras frustrações de situações que não foram comentadas ao menos a sua existência, gerando uma desilusão, geralmente nos últimos períodos da graduação, momentos esse que às instituições colocam para a realização dos estágios.

O estágio supervisionado é um dos momentos mais desafiadores da prática docente inicial, pois neste componente curricular a ação-reflexão será evidenciada diante do contexto da sala de aula. Diante disso, apresento a seguir o recorte das observações realizadas numa escola pública, situada na cidade de Santa Rita/PB na turma do ciclo IV-A da Educação de Jovens e Adultos do ensino fundamental anos finais do componente curricular língua portuguesa.

No dia 17/05/2018 iniciei mais um dia de intervenção, sendo que nesta aula seriam 02 (duas) aulas consecutivas, conforme acordado pelo professor supervisor na aula anterior. Informei aos educandos que o objetivo da aula de hoje seria a produção textual dos memes. Solicitei para eles formarem duplas ou se preferirem poderiam realizar a atividade individualmente.

Antes de iniciar a produção, realizei uma retomada dos conteúdos sobre o que foi visto na aula anterior e as pesquisas realizadas por eles. Escrevi no quadro branco um esquema a partir do diálogo dos educandos em relação ao que foi discutido até a última aula. Nesse dia compareceu um total de 11 alunos (as), sendo que 03 (três) optaram por realizarem individualmente e os demais formaram duplas. Passei algumas orientações referente a elaboração dos memes e em seguida distribuí os materiais: papel sulfite, alguns tubos de colas, tesouras (pertencentes à escola) e deixei em cima da carteira revistas, pois alguns alunos(as) esqueceram as revistas que entreguei na aula anterior.

Comecei a circular pela sala de aula para verificar o andamento da atividade e observei a dedicação e o empenho de todos (as) em realizá-la. Foi um momento único para perceber o diálogo entre os educandos. Uma das alunas disse o seguinte: "Professora, tenho que retirar a frase da revista?" Segundo Sousa (2002, p. 25) “[...] ao apontar as alternativas desejadas, a autora direciona a leitura e impede que o aluno possa construir a sua leitura, semelhante ao que ocorre com questões objetivas ou as que simplesmente solicitam a cópia de alguma passagem do texto.”

Nesse sentido, observamos que o ensino tradicional de língua portuguesa voltado para o endeusamento da cópia, deixando de lado a subjetividade do(a) aluno(a). Dessa forma, o educando não torna-se protagonista do processo de ensino e aprendizagem.

Uma aluna foi a primeira a terminar a produção textual, realizou a atividade individual, e em tempo hábil, aproximadamente em 15 min. concluiu. Assim, percebemos que a sala de aula é um espaço diversificado em que cada educando irá apresentar facilidades e dificuldades.

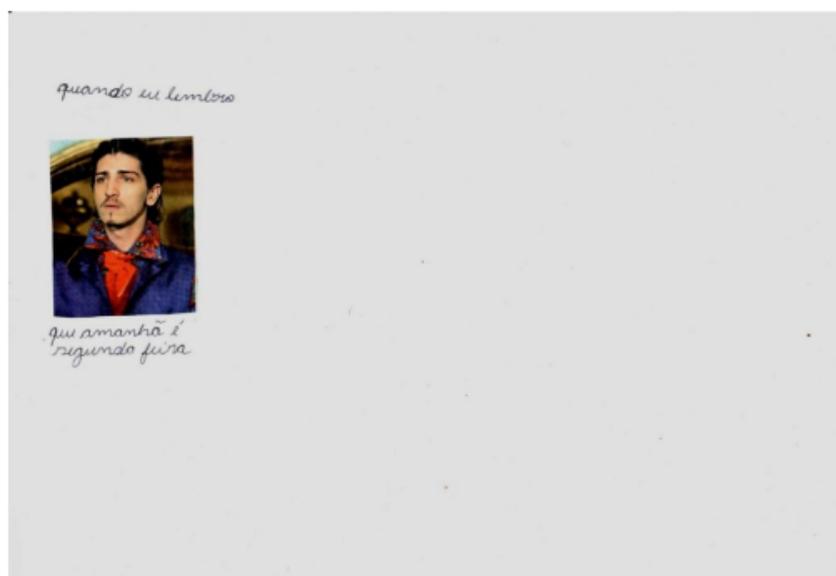
Veja a seguir algumas produções textuais de memes dos(as) alunos(as):

ANEXO E-



Fonte: Relatório de Estágio Supervisionado do curso de Letras- Português da UFPB 2018.

ANEXO F-



Fonte: Relatório de Estágio Supervisionado do curso de Letras- Português da UFPB 2018

O estágio realizado neste estabelecimento de ensino poderia ser ainda mais atrativo para os estudantes se tivesse uma sala de informática para produção dos memes. Mesmo diante da falta de outros materiais tecnológicos, eles conseguiram alcançar o objetivo da aula.

O espaço da sala de aula possibilita que a prática pedagógica seja vivenciada por vários olhares, e assim (re)dimensionar as necessidades encontradas. Os autores do processo de ensino e aprendizagem são únicos, cada um com suas experiências, (re)descobertas e dificuldades. Dessa forma, conseguimos propor com significatividade a construção do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio é uma das formas em que os estudantes de graduação têm contato com a prática docente. Durante esse período, os estudantes têm a oportunidade de colocar em prática os conhecimentos teóricos adquiridos na universidade e vivenciar a realidade da sala de aula. É nessa prática que começamos a perceber que o domínio de conteúdo é muito importante, mas que também nos deparamos com situações inesperadas, na verdade faz parte do ofício.

Durante a graduação na licenciatura, adquirimos diversos conhecimentos teóricos, os quais abrangem desde a Filosofia da Educação à Gestão Educacional. Diante da teoria estudada pensamos na prática da sala de aula, pois teoria e prática são um elo. O estágio proporciona vivenciamos de perto a realidade educacional das escolas públicas, tendo em vista que realizamos observações, elaboramos planos de aulas, assumimos o papel docente e colocamos em ação a concepção de educação que acreditamos.

Após muitos anos como estudantes, passamos a nos perceber como professoras. E, diante da prática, confirmamos que optar pela profissão docente significa também se colocar no lugar do educando e, assim, também ser uma aprendiz. A sala de aula é um espaço desafiador, requer inovação, criatividade e paciência. Na docência buscamos caminhos possíveis para que a aprendizagem aconteça, e quando uma rota parece não ser a adequada, refazemos o trajeto e encontramos o melhor caminho. Planejamos, pesquisamos, refletimos, dialogamos e lutamos por uma educação com qualidade social.

REFERÊNCIAS

LEMOV, Doug. Aula nota 10: 49 técnicas para ser um professor campeão de audiência. São Paulo: Da Boa Prosa: Fundação Lemann, 2011.

GOULART, Cecília. **A organização do trabalho pedagógico:** alfabetização e letramento como eixos orientadores. In: Ensino Fundamental de Nove anos- Orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. MEC. SEB. 2º edição, Brasília, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf>> acesso em: 21 abr. 2023.

Huber, Annette. **Gabriel tem 99 centímetros.** Campinas, Sp: Saber e ler. 2013

KRAMER, Sônia. **A infância e sua singularidade.** In: Ensino Fundamental de Nove anos- Orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. MEC. SEB. 2º edição, Brasília, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/ensifund9anobasefinal.pdf>> acesso em: 23 abr. 2023.

PERRENOUD, Philippe. A formação de professores no século XXI. PERRENOUD, Philippe. THURLEY, Mônica Gather. **As competências para ensinar no século XXI: A Formação dos professores e o desafio da avaliação.** Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 11 a 34.

PIMENTA, Selma Garrido; Lima, Maria Socorro Lucena. Estágio: diferentes concepções. In.: **Estágio e docência.** São Paulo: Cortez, 2010. Disponível em: https://edmatunirio.files.wordpress.com/2015/03/texto-4-estagio_e_docencia.pdf Acesso em: 01 maio 2023.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo : Cortez, 2013.

SOUSA, Maria Ester Vieira de. **As surpresas do previsível no discurso de sala de aula.** João Pessoa: autor associado. Editora Universitária UFPB, 2002.